



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## QUAIS AS POSSIBILIDADES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO NEGRO CONTEMPORÂNEO

Cintia Camargo Vianna

Ileel / UFU

cintiavianna@ileel.ufu.br

( . . .)Sempre quis um lugar,/Gramado e limpo, assim, verde  
como o mar,/Cercas brancas, uma seringueira com balança,  
Disbicando pipa, cercado de criança.../How...how  
Brown/Acorda sangue bom,/Aqui é Capão Redondo, tru/Não  
Pokemon,/Zona sul é o invés, é stress concentrado,/Um  
coração ferido, por metro quadrado.../Quanto, mais tempo eu  
vou resistir,( . . .)

(*Vida Loka Parte 2, Racionais MC's*)

O questionamento que dá origem a esse trabalho é a indagação que permeia as reflexões de muitos daqueles que tem a literatura por labor quando se deparam com um objeto como o *rap* e com a possibilidade de estudá-lo, de discuti-lo dentro dos Departamentos de Literatura. Esse objeto traz consigo uma série de fatores, de reflexões inconclusas, de pelepas políticas e dentre elas poder-se-ia destacar ao menos dois grandes problemas: o espaço ocupado por esse tipo de produto cultural dentro do universo dos Estudos Literários e a leitura dos *raps* na condição de uma manifestação de Literatura Afro-brasileira contemporânea.

Não tenho intenção de resolver nessa breve discussão nenhum desses problemas de tão grande amplitude. Lanço-me, antes, ao levantamento de possibilidades para pensar sobre a relação entre os Estudos Literários e os Estudos Culturais, sobre qual seria o espaço ocupado pela literatura afro-brasileira dentre desse contexto e ainda qual



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

seria o lugar na literatura afro-brasileira da produção artística dos Racionais MC's, grupo de rap paulistano.

Para Culler (1999), os Estudos Culturais são um importante fenômeno dos anos 1990 e o que interessa perceber é a relação dos estudos desenvolvidos dentro dessa tendência com a Teoria Literária, quais seriam os implicativos ou as relações possíveis e aceitáveis que fatalmente se estabeleceriam entre os dois paradigmas.

Os Estudos Culturais se ocupariam, grosso modo, de discussões sobre a natureza e a abrangência de produções culturais e particularmente sobre como se construiriam as identidades culturais, por indivíduos, por grupos, e pensar essas identidades inseridas em contexto de mercado, de Estado (as relações de poder e a indústria cultural), a mídia e as grandes corporações. Nesse caso, os Estudos Culturais incluiriam em seu cerne os Estudos Literários, visto que tratariam da produção literária na mesma condição que a de outros produtos culturais.

Hall (2003) ao discutir a natureza dos Estudos Culturais, aponta para a existência de dois grandes paradigmas de atuação. O primeiro, anglo-saxão, associado aos nomes de Hoggart, William e Thompson como seus pioneiros, preconiza o tratamento de produtos culturais, dentre os quais estaria também a arte erudita, a literatura. Assim, os Estudos Culturais entendidos por esse viés promoveriam uma *antropologização* do texto/fenômeno literário. A literatura é entendida apenas como mais uma prática social e não como uma forma de arte marcada por especificidades.

Há ainda outro paradigma para os Estudos Culturais de origem francesa, que se origina no primeiro estruturalismo francês dos anos 1960, que trata cultura e a literatura está inserida nessas práticas culturais, com fenômenos que precisam ser descritos, uma das primeiras obras desse paradigma seria *Mitologias*, de Roland Barthes.

O primeiro medo é se o estudo de produtos culturais que não a alta literatura não causaria um gradativo desinteresse pela investigação dos clássicos da literatura mundial. Entretanto, é preciso considerar que a natureza, por vezes, confusamente interdisciplinar dos Estudos Culturais poderia antes de *matar* os Estudos Literários provocar uma ampliação de contextos e questões sobre algumas obras literárias para, quem sabe, incluir em seu universo provável a obra de mulheres ou de populações tradicionalmente silenciadas como é o caso das populações negras diaspóricas americanas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Ainda sobre essa contaminação dos Estudos Literários vale à pena reavivar a fala de Perrone-Moisés (2007), que é exemplar do juízo que muitos fazem sobre a presença dos Estudos Culturais entre nós. Para ela, o problema é a presença de viés ideológico nos Estudos Culturais que, eventualmente, possam ser entendidos como a adoção de uma prática historicizante da literatura que a encarceraria ao invés de ampliar o lastro de investigação dos fenômenos literários, como bem prevê Culler (1999).

A autora até admite a necessidade de diálogo com outras ciências para que se empreenda uma prática de estudos literários mais atual e eficiente, entretanto destaca a necessidade de não limitar os estudos literários, com viés culturalista, a avaliação e discussão sobre a temática tratada nos textos literários como se esse fosse o principal objeto de pesquisa.

Perrone-Moisés (2007, p. 171) destaca, por exemplo, o quão equivocado pode ser assumir como parâmetro para o tratamento de textos literários questões étnicas e afirma:

*Em busca de uma “africanidade” essencial e originária, muitos teóricos negligenciaram as enormes diferenças culturais entre os povos africanos, e entre estes e os negros aculturados em outras partes do mundo. A tendência à exaltação do anteriormente oprimido, como diferente e superior, tem levado a um discurso panfletário e, no campo da crítica e do ensino, a uma valorização ideológica de toda literatura minoritária como necessariamente boa e estimável, o que, na verdade, as exclui do cotejo com as literaturas hegemônicas.*

O que se nota é certa reserva em relação a consideração das chamadas literaturas menores, produzidas por populações politicamente menores, como passível de estudo. Com isso, passo a discussão de alguns dos critérios que tornam possível considerar um texto como exemplo de Literatura Afro-Brasileira, uma literatura menor dentro de uma literatura maior, e dentro desse universo, a possibilidade de consideração da produção dos Racionais MC's.

Proença Filho (2004) trata a presença do negro na literatura canônica e categoriza a existência de ao menos dois tipos de textos, aqueles que versam *sobre* os negros e aqueles que são feitos *por* negros. O autor articula sua reflexão em termos de produção de literaturas nacionais, a construção de narrativas para a nacionalidade e a presença do sujeito negro e de sua cultura nesse âmbito.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Pensar a presença negra na Literatura Brasileira pode significar pensar em textos produzidos por não negros nos quais os afro-descendentes são personagens ou em que o universo histórico-cultural do negro é tomado como tema. Se visto assim, como temática, como material, o negro vai aparecer mais fortemente a partir do século XIX nas letras brasileiras. É no século XIX que vão se criar e cristalizar muitos dos estereótipos para o negro e para sua cultura presentes entre nós até hoje, concepções essas que podem ser exemplificadas principalmente na primeira fase da discografia dos Racionais MC's.

A produção dos Racionais MC's pode ser dividida em três fases: a primeira fase entre os anos de 1989 até 1996, com a produção de discos como, por exemplo, *Holocausto Urbano* (1990) e *Raio X do Brasil* (1993), nos quais a tônica é o estabelecimento de uma consciência positiva ou afirmativa de valores autenticamente negros.

Na segunda fase, marcada pelo disco *Sobrevivendo no Inferno* (1997) é possível verificar a intenção de condução do interlocutor para a constatação da necessidade de considerar a condição mestiça do afro-descendente brasileiro e da condição de pobreza que faz com que os Cinquenta mil manos evocados por Mano Brown não sejam mais somente os negros, mas também pobres.

E a terceira fase, na qual o *enunciador* tem consciência de sua condição mestiça, da impossibilidade de sua existência sem considerar que as semelhanças e as diferenças existentes entre os afro-descendentes e os não afro-descendentes não são exatamente distinções que impossibilitam o contato.

A literatura do século XIX faz parte da construção da narrativa de nacionalidade brasileira. Ao construir essa narrativa é possível verificar a construção de algumas das mais nefastas representações para o sujeito negro e sua cultura. No caso dos escritores do Romantismo, por exemplo, é preciso considerar que apesar de incorporar ao rol de possibilidades o negro e sua cultura, essa incorporação não foge à regra de seu tempo, ou seja, o negro aparece representado sem profundidade psicológica, pelo contrário, ele vai aparece representado com caráter similar ao do branco, sua moral será branca, para



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

causar empatia nas platéias burguesa. Essa literatura não dá voz ao negro, nela é o “outro” quem fala.

Seria, então, essa a questão: dar voz ao subalterno, dar voz ao negro ou mostrar a literatura em que o negro e suas questões fossem o centro de cena. Uma literatura feita por negros e, talvez, para negros.

Se assumirmos a perspectiva de Duarte (2008) de que estaríamos diante da necessidade de constituição de um perfil, de um cânone ou um rol de autores, traços estéticos, problemas temáticos para a Literatura Afro – Brasileira, penso que um dos critérios a ser adotado para categorização desses textos seria o da representação do sujeito negro e de sua cultura, em textos escritos por negros ou não negros. Seriam os textos em que o negro e seu universo são o centro de cena.

Nesse sentido, a produção do grupo paulistano de *rap*, Racionais MC's, é por mim entendida como uma possibilidade de literatura afro-brasileira contemporânea. Dentre os traços estético-poemáticos que se pode destacar nos textos produzidos pelo grupo estão evasão da realidade violenta e, talvez, o mais relevante aqui, a construção ao longo de toda a discografia do grupo de um personagem negro, marcado por momentos de ficcionalização, de uma representação para o sujeito negro ideal, o *Preto Tipo A* e esse personagem, por vezes idealizado, quase herói romântico, por vezes, degradado, desumanizado, pelo contato vitimizador com o branco, anti-herói realista por assim dizer.

Ao construir o *Preto Tipo A*, o enunciador dos Racionais MC's institui outro problema que caracterizaria também os *raps* como passíveis de figurar em um possível cânone da Literatura afro-brasileira contemporânea, que é pensar o negro em relação ao



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

pertencimento à nacionalidade. O Preto Tipo A não faz parte da unidade nacional, mas sim da *quebrada*, de seu território particular, com ordem e leis particulares.

Nesse caso, estaríamos diante de um material inserido em uma nova cartografia para a produção artística contemporânea, na qual não trabalharíamos com as categorias de nacional e não nacional, não autêntico, por exemplo, mas, sim, num plano de redefinição para os pertencimentos.

Outro critério que ratificaria a condição dos *raps* produzidos pelos Racionais MC's como Literatura Afro-brasileira é o trabalho de trazer a luz, de retirar das sombras (Gilroy: 2001) a realidade do afro-descendente, sua vida e suas histórias. O *rap*, nesse caso auxiliaria no rompimento com a invisibilidade a qual estariam historicamente relegados os afro-descendentes e sua cultura.

Ao cantar sua realidade, torna pública a experiência de violência que não é só dele, mas é também do anônimo coletivo que ele representa, daqueles a quem a voz é negada em virtude de sua condição. Nesse caso, o *rapper* aparece na condição de sacerdote (Gilroy: 2001).

Assim, uma das discussões possíveis sobre a produção dos Racionais MC's é, por assim dizer, um híbrido, pois deveria elaborar uma leitura textual de alguns dos recursos estético-poemáticos (Selligmann-Silva: 2003) utilizados pelo *rapper* em suas composições como, por exemplo, a evasão da realidade como recurso criativo e a gradativa construção de um personagem afro-descendente, mestiço, dividido entre os universos simbólicos do branco e do negro, o pertencimento a uma outra forma de pertencimento que não o nacional, outra forma de organização política para a vida do afro-descendente contemporâneo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Para Telles (1996), são pré-requisitos para a organização política que a comunidade apresente um sentido claro do que seja identidade étnica. Para tanto, é necessário utilizar alguma marca dessa identidade como, por exemplo, o idioma, a religião, a cor da pele ou a nacionalidade; algum desses elementos deve aparecer como arrematador de um sentimento coletivo de pertença a um determinado grupo.

É possível verificar nas letras dos Racionais MC's a presença de algumas dessas marcas para delimitar fronteiras e delinear objetivos coletivos. Diante disso, o *rapper enunciador* utiliza não só a negritude como elemento unificador, mas também, a violência, a pobreza e o pertencimento ao bairro.

Ao pensar os *raps* como a construção de uma determinada narrativa de nacionalidade, ou melhor, de pertencimento, é preciso considerar a existência de uma relação de forte vinculação à áreas geográficas historicamente ocupadas pelas populações afro-descendentes urbanas onde tem destaque o despertar de outro tipo de sentimento de pertença, a pertença ao bairro, à vila, à favela. É preciso observar que como a pertença à nação, a sua idéia, ao seu equipamento, é negada, na medida em que essa população é segregada não só racialmente, mas socialmente, geograficamente, culturalmente. Os *rappers* buscam o estabelecimento de outra forma de unidade em torno da qual as populações periféricas pudessem se organizar (CARRIL, 2000).

Com isso, cria-se contexto para a construção de uma identidade não nacional, mas, sim, de *resistência*, que poderia propiciar uma reação coletiva por parte da comunidade pobre e negra. É preciso destacar que a mobilização de forças para a resistência é um procedimento que o *rapper enunciador* dos Racionais MC's vai adotar em todas as fases da produção do grupo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

É preciso dizer que a *identidade de resistência* (Castells: 1999) é idealizada por indivíduos que estão em posição desfavorável, em relação à dominação ou estigmatizada, com a finalidade de *resistir* para *sobreviver* tendo em vista a existência de princípios outros que não os institucionalizados.

Resistir é o *desejo* do *rapper* enunciador de “Fim de Semana no Parque”, de *Raio X do Brasil* (1993). Ele afirma que contar para informar é um dos poucos direitos que a sociedade que goza da identidade nacional ainda permite que a juventude negra exerça.

*1993, fudidamente voltando, Racionais/ Usando e abusando da nossa liberdade de expressão/ Um dos poucos direitos que o jovem negro ainda tem nesse país/ Você está entrando no mundo da informação, auto-conhecimento, denúncia, diversão/ Esse é o Raio X do Brasil/ Seja bem vindo (até aqui é o Ice Blue)/ A toda comunidade pobre da Zona Sul*

Nesse caso, o sentimento de pertença organizar-se-ia em torno de uma identidade coletiva de resistência e não do pertencimento a unidade nacional propriamente dito.

Para Tella (2000) o *rap* pode ser entendido como espaço para o registro de memória nacional. O *rap* pode ser entendido também (e, talvez, principalmente) como espaço para a construção de *memória coletiva* e parte do imaginário popular. A população afro-descendente em nome da qual o eu lírico criado nas letras dos Racionais MC's fala e pensa, sente-se marginalizada, impossibilitada de tornar-se como o branco,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

de possuir o que o branco possui, de ter o corpo fetichizado do branco, por isso, vê o pertencimento à nacionalidade como uma impossibilidade.

A nacionalidade tornar-se inalcançável, pois para exercê-la com plenitude o sujeito negro encontra com o maior obstáculo deixar de ser/sentir-se negro. Em *Otus 500* (2002) é possível verificar uma tentativa de organização dessa situação e a proposição de uma espécie de encaminhamento: o afro-descendente não pode *ser*, mas pode *possuir* objetos que representem essa sociedade e que o fariam sentir-se incluído como no trecho abaixo transcrito de “*Otus 500*” (2002), *rap* da terceira fase do grupo:

*500 anos (2x), tudo igual/ América/ Justiça/ 500 anos depois (2x), tudo igual/  
Justiça/ 500 anos, Jesus está por vir, mas o diabo já está aqui/ 500 anos, o  
Brasil é uma vergonha,/ ( . . . )/ Quer sair do compensado e ir pruma mansão,  
com piscina, digna de um patrão/ Com vários cão de guarda rotweiller e dama  
socialite de favela estilo Callí/ Quer jantar com cristal e talheres de prata,  
comprar 20 pares de sapato e gravata/ Possuir igual você,/ ter um Foxxer 100,  
ter também na garagem 2 Mercedes Bens/ Voar de helicóptero à beira mar,  
Armani e Hugo Boss no guarda-roupa pra variar/ Presentear a mulher com  
brilhantes, dá gargantilha 18 pra amante/ Como agravante a ostentação, o  
que ele sonha até então tá na sua mão*

Com isso, o que temos é uma narrativa de nacionalidade às avessas, que se constrói por não pertencer, por não ter, por não possuir aquilo que os que não vivem na quebrada possuem. Não estaríamos, então, diante de narrativa de exclusão que aproximaria enormemente os afro-descendentes contemporâneos dos afro-descendentes representados no século XIX por não negros em seus textos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## Referência Bibliográfica

CULLER, J. “Literatura e Estudos Culturais” (pp. 48 – 58) In: *Teoria Literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

PROENÇA FILHO, Domício. “A trajetória do negro na literatura brasileira.” Revista Estudos Avançados. São Paulo: IEA USP, 18 (50): 161-93, 2004.

HALL, STUART. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

PERRONE-MOISÉS, L. “Desconstruindo os “estudos culturais” ”. - (pp.166 – 174) In: *Vira e mexe nacionalismo. Paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GILROY, P. *O Atlântico Negro*. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: UCAM, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, Memória, Literatura. O Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

TELLA, Marco Aurélio Paz. *Atitude, arte, cultura e auto-conhecimento: o rap como voz da periferia*. São Paulo, 2000 – Mestrado – PUC/SP.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

TELLES, Edward E. “Identidade racial, contexto urbano e mobilização política”. In: Revista Afro-Ásia, (17): 121 – 138, Salvador, 1996.

Racionais MC’s. *Raio X do Brasil*, 1993

Racionais MC’s. Nada com o um dia após outro dia, 2002.